philia&filia
ISSN 2178-1737

Apresentação

Kathrin H. Rosenfield
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Lawrence Flores Pereira
Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

O quarto número da revista Philia&Filia é dedicado ao tema "O Mal-Estar na Cultura e na Sociedade. As contribuições são o resultado de um evento que se desdobrou ao longo do ano 2010 com abordagens multidisciplinares que abriram perspectivas diversas – e inusitadas – sobre a questão do mal-estar, tal como foi visto por Freud no início do século XX e tal como o vemos hoje.

Iniciamos, em Janeiro de 2010, com um debate do livro *Diário de um Ano Ruim* de J. M. Coetzee, que lançou luz sobre os abalos que sofrem as atuais concepções da arte e as formas de vida social na era do simulacro e da simulação. Essa discussão abriu perspectivas em múltiplas direções: filosofia e psicanálise, literatura, música e artes plásticas, antropologia e práticas corporais. Partes dos resultados dos debates presenciais serão disponibilizadas na plataforma, permitindo que o público acompanhe à distância o desenvolvimento das discussões. O evento se

encerrou em novembro 2010 com um colóquio, cujo foco foi o corpo (e as práticas corporais) na sociedade contemporânea.

Um mal-estar que se transformou em bem-estar: sobre a experiência na curadoria do evento *O Mal-Estar na Cultura*

Organizar eventos multidisciplinares é sempre um risco. Quando abrimos mão da especialização e das pesquisas aprofundadas num determinado campo para trocar idéias, nunca temos certeza de encontrar os parceiros certos e os interlocutores que se dispõem a serem interrogados e discutir questões oriundas de outros domínios. Não foi diferente com o evento em questão, que se desenrolou ao longo do ano 2010. Como passar da idéia do mal-estar que o pai da psicanálise diagnosticou em 1930, para as definições atuais de crises típicas do terceiro milênio? O tema proposto foi tão estimulante quanto delicado para a abordagem acadêmica. Abrangente demais para caber nos programas de cursos e nas linhas de pesquisa específicas dos PPGs, essa reflexão sobre a identidade da cultura contemporânea exigiu a cooperação ativa de inúmeros departamentos e de profissionais de áreas tão diversas quanto as artes plásticas e as terapias corporais, a filosofia e a dança, a antropologia e as novas mídias.

Nossa intenção inicial foi partir da reflexão de Freud em torno dos efeitos nefastos da repressão sexual, para repensar onde se situam hoje os focos de mal-estar. Para onde migraram os sentimentos de crise e desconforto, uma vez desmistificadas e teoricamente resolvidas as fontes de insatisfação dos tempos de Freud?

Num país como o Brasil, logo vem à mente o mal-estar provocado pelos desníveis de renda e educação, assim como os embaraços decorrentes das enormes diferenças étnicas, econômicas e culturais. São esses problemas, legados pela nossa história colonial e pós-colonial, que nos levaram a associar a reflexão sobre Freud, pensador europeu, com a investigação da obra de J. M. Coetzee, sul-africano de origem holandesa e inglesa que reflete sobre a emancipação de seu país dividido pelos pré-conceitos herdados de um passado opressivo. Coetzee afirmou em

entrevista ao Estado de São Paulo que desejaria um futuro brasileiro para o seu país, o que indica que Coetzee considera os compromissos da miscigenação brasileira, senão como exemplos louváveis, pelo menos como etapas positivas para a solução dos preconceitos e ódios raciais. E como pensamos, hoje, no Brasil, essas questões? Concordaríamos com Coetzee, ou não? Significativamente, o último livro de Coetzee, *Summertime*, introduz uma bailarina brasileira, uma personagem que "pensa através do corpo", cuja forma de expressão é totalmente diferente de, e avessa ao professor de Inglês (personagem que tem alguns traços do autor), que admira a bailarina e mesmo a ama de paixão, ainda que seja constantemente rejeitado por ela.

O romance de Coetzee toca num problema ainda pouco discutido. Como conectar novamente (ou de outras maneiras) a oposição entre corpo e mente, entre sensibilidade e intelecto que se manifesta nos desencontros desses dois personagens de *Summertime*, que encarnam posturas culturais tão heterogêneas quanto à expressão corporal-dinâmica e à reflexão discursiva? É bom lembrar que a revolução freudiana surgiu de dentro de práticas corporais – massagens, banhos, depois a hipnose – e somente num segundo momento transformou-se em *talking cure*, tomando formas intelectualizadas e filosóficas apenas nas últimas décadas, vinculando-se cada vez mais com a lingüística, a lógica, às topologias e fórmulas matemáticas e, finalmente, à gramatologia e à escritura.

Apesar do desenvolvimento da psicanálise e da psicologia, das práticas alternativas e da vasta literatura de auto-ajuda, pouco se desenvolveram (pelo menos no âmbito universitário) as reflexões sobre corpo, as práticas e as terapias corporais. Com poucas exceções – entre as quais o notável livro de Richard Shusterman, *Body-Consciousness* – reflexões prático-teóricas sobre a reciprocidade de corpo, a alma e a mente não receberam a atenção merecida. Eis a razão pela qual escolhemos alguns autores basilares – Shusterman e Sloterdijk, Leroy-Gourhan e François Jullien – a fim de explorar esse elo perdido da investigação acadêmica.

Freud viveu e escreveu numa cultura multiétnica cheia de potenciais interessantes, rodeado de figuras como Groddek, Fliess ou Laban, Adler e Ferenczi, Otto Gross e Wilhelm Reich, seguidores esses, cujas abordagens estavam bem mais voltadas a considerações envolvendo as relações complexas entre a expressão

discursiva e as linguagens pouco exploradas do corpo. Na literatura, a obra de Robert Musil, *O homem sem Qualidades*, é um testemunho falante do despertar de novas consciências corporais e de novas formas de comunicação na sociedade de massas. Formas totalmente inéditas de relacionamento manifestam-se, por exemplo, nos entusiasmos pelo esporte, pela velocidade e pela violência puramente física (ciclismo, corrida de cavalos, boxe). Pouco se refletiu ainda a respeito da evidente falta de integração das aptidões altamente especializadas, tanto mentais, como físicas e emocionais, em formas sociais, artísticas e culturais relevantes.

O que distingue o modo de pensar com conceitos da reflexão com imagens e metáforas? É possível "pensar" com o corpo? Que valor tem a expressão rítmica no gesto, na dança diante da leitura e da escritura ou da reflexão abstrata? O encontro *Mal-Estar na Cultura* abriu espaços para abordar essas perguntas incomuns, trazendo à baila palestrantes e autores tão diversos quanto o filósofo Richard Shusterman e o coreógrafo Tadej, debatendo os livros de Peter Sloterdjik e André Leroy Gourhan, tecendo diálogos em torno de mundos (quase) desconhecidos como a China das *Transformações Silenciosas* de François Jullien.

Aproveitamos também a deixar registrada uma homenagem à secretaria de *Difusão Cultural* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo eficiente e estimulante apoio enriqueceu e harmonizou o projeto inicial da curadoria, assegurando o grande sucesso e a satisfação junto a um público fiel que acompanhou os encontros ao longo do ano todo. Tornou possível uma rica troca de idéias que ultrapassou os limites que as metodologias acadêmicas normalmente impõem a colóquios e conferências.